

A composição da toada na Amazônia e a festa do boi-bumbá: a poética do imaginário do compositor

Marcos Antonio Lima Costa¹
Adelson da Costa Fernando²
Universidade Federal do Amazonas

Resumo

Uma figura de extrema relevância no festival folclórico de Parintins é o compositor de toadas. O espetáculo que apreciamos na arena do bumbódromo é fruto da apropriação intelectual da realidade amazônica pelo compositor que musicaliza essa realidade que é transformada em enredo nas apresentações dos bois bumbás caprichoso e garantido. Este artigo científico quer tornar inteligível o universo simbólico do compositor de toadas, sua importância e todo o processo criativo da toada elaborada para o Festival Folclórico de Parintins que acontece sempre na última semana do mês de junho.

Palavras-chave: Toada; Compositor de toadas; Festival Folclórico de Parintins; Processo criativo da toada.

Abstract

A figure of extreme relevance in Parintins folklore is the composer of toadas (folkloric songs). The show that we appreciate in the bumbódromo arena is the result of intellectual appropriation of reality by Amazon composer who musicalizes this reality that is transformed into plot presentations of oxen bumbás capricious and guaranteed. This scientific article wants to make intelligible the symbolic universe of the composer of toadas, its importance and the whole creative process designed to tune the Parintins Folklore Festival which is held in the last week of June.

Keywords: Melody; Composer of toadas; Parintins Folklore Festival, Creative process of toadas.

¹ Bacharel em Serviço Social pelo ICSEZ/UFAM e compositor de toadas (marcoslimaufam@gmail.com).

² Sociólogo, Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia e Professor Assistente do ICSEZ/UFAM (E-mail: coordenador.fbn@hotmail.com)

Considerações iniciais

O festival folclórico de Parintins retrata uma disputa temática entre os bois-bumbás Garantido (cor vermelho) e o Caprichoso (cor azul). A apresentação dos bois acontece tematizando a cultura amazônica. É um espaço onde se retrata a colonização, a miscigenação, a cultura indígena e cabocla da Amazônia.

Através do Festival Folclórico de Parintins se pode perceber um movimento cultural imponente que acontece todos os anos ao final do mês de junho na cidade, situada no Estado do Amazonas. Na Ilha Tupinambarana tudo que é visto e o que é ouvido nesse evento, em que o real se confunde com o imaginário, tem a ver com florestas e rios, a partir de inspirações na cultura da Amazônia. Um espetáculo que emociona com sua teatralidade que engloba temáticas referentes a cultura amazônica, características e protagonistas nativos.

Na cidade de Parintins o espetáculo é orquestrado ao som de músicas feitas especialmente para essa festa. As conhecidas toadas. Elas invadem as ondas sonoras como se fossem verdadeiros mantras durante o período do festival. A rivalidade estimula os ânimos dos torcedores que encontram na toada à base estrutural poetizada. É a partir da toada que se constrói a cênica e toda a

temática do espetáculo da floresta com a qual todos os elementos se desenvolvem. Podemos assim afirmar que o festival se configura como o fruto, portanto a toada é a semente.

A toada e a cultura de boi-bumbá hoje ultrapassam fronteiras temporais do espetáculo apresentado na arena do bumbódromo. Sendo incorporadas ao cotidiano do amazonense como mecanismo didático de reconhecimento e reafirmação de identidade e cultura.

Da toada do bumba-meu-boi do nordeste ao boi-bumbá na Amazônia

O folguedo junino é bastante comum em varias regiões do Brasil. Nessa brincadeira tradicional que exalta São João, Santo Antônio e São Marçal, na maioria das vezes, tem sempre à disposição comidas típicas como bolo de macaxeira, pamonha, milho cozido, mungunzá e canjica. Isto de certa forma retrata a ingenuidade (naturalidade) do Brasil rural que dança no terreiro ao som de zabumba e sanfona sob a luz da fogueira e faz do céu um verdadeiro jardim colorido com balões.

Na Amazônia, o folguedo junino não segue esse padrão: a festa junina é atípica. Simão Assayag (1997, p 74-75), em sua obra “Caprichoso: O boi de Parintins”, contradiz a

afirmativa vigente que identifica a origem do auto do boi como sendo uma criação do povo negro enquanto escravos.

Contrariando os mais dignos pesquisadores do tema, alinho-me ao pensamento solitário, porém corajoso e coerente do professor Mário Ypiranga Monteiro, que não aceita a tese do auto criado pelo negro. Afinal, sátiras são feitas para zombar de terceiros, e não de si próprio (ASSAYAG, 1997, p. 72).

A afirmativa pode ser referendada com a própria conjuntura do auto do boi que retrata as figuras negras — Pai Francisco e Mãe Catirina — como figuras secundárias, e ainda a caracterização de sua indumentária, composta por trajes que remetem a características das roupas dos senhores da fazenda.

Tendo sua gênese com o bumba-meu-boi no nordeste, a toada chega à Amazônia pelos jesuítas com intuito de catequizar os pagãos — negros e índios. Essa manifestação popular ganhou força juntamente com o sonho do ouro branco, ou seja, o ciclo da borracha. Ao adentrar no Grão-Pará, o bumba-meu-boi recebeu influência indígena e transformou-se em “boi-bumbá”. Dessa forma permanece até hoje na Amazônia, ainda com a presença das figuras antológicas do auto do boi tradicional: Amo do Boi, Sinhazinha da Fazenda, Pai Francisco e Mãe

Catirina, Cazumbá, Pajé e o Boi que, quando ressuscitado, se transfigura em um boi de pano.

No contexto amazônico, o auto do boi sofreu a alteração mais significativa na exaltação da cultura indígena, pela configuração regional que dispõe da influência cultural de inúmeras etnias. Neste contexto, o auto do boi, que no nordeste recebe a denominação de bumba-meu-boi, na Amazônia é rebatizado pelos caboclos, através da toada, como boi bumbá.

A toada sofre inúmeras modificações. Essa sofisticação está atrelada à tradição. No final do século XVIII e despertar do século XIX, esse tipo de música retratava o cotidiano e a paisagem do povo mestiço nordestino. A toada cabocla servia como um mecanismo para acalantar a saudade do povo imigrante nordestino que veio para a Amazônia em busca de novas perspectivas de vida.

A narrativa do folguedo nordestino de outrora perdia o sentido quando se tratava da região Norte. A Amazônia tem seu jeito peculiar de celebrar as festas juninas; no caso da ilha Tupinambarana, em Parintins, os caboclos libertam o imaginário e modificam os símbolos. O sagrado dá lugar ao profano, ou seja, os santos saem de cena pra dar lugar aos bois-de-pano.

Com o passar do tempo a toada sofreu alteração principalmente na parte de suas composições: o caboclo amazônico passa a retratar na letra da toada o seu cotidiano e sua visão de mundo; através da mesma, os versadores travam verdadeiros duelos, tanto na poesia como no físico, sob o clarão das lamparinas, nas tímidas ruas de Parintins.

O grande divisor de águas da brincadeira de rua, para o espetáculo do boi bumbá, vem da ousadia de um padre visionário que se autodenominava “eu sou um semeador e não cultivador” (NEGRI & TEODORO, s.d., p. 37).

Em 1965, um grupo de amigo ligado a Juventude Atlético Católica (JAC) se reuniu para tentar revitalizar e organizar a brincadeira, ao mesmo tempo em que arrecadaria fundos para continuar com a construção da catedral, cuja pedra fundamental fora lançada em 1960. A partir de uma ideia de Jansen Godinho, alimentada pelo excêntrico pároco italiano padre Augusto, Raimundo Munis, Xisto Pereira e Lucinor Barros, promoveram, em 12 de junho daquele ano, o primeiro Festival Folclórico de Parintins (VALENTIN, 2005, p.18).

Com esse pensamento, padre Augusto Gianola, evitou os duelos físicos sem perder a magia da rivalidade e mudou completamente o rumo da brincadeira de boi bumbá. Em seguida, a toada ganha uma nova

roupagem e passa a enfatizar os acontecimentos mundiais, ou seja, a toada passa a retratar assuntos mais abrangentes, como os avanços tecnológicos, a corrida armamentista, entre outros temas de ordem mundial que estavam em evidência na época.

É a toada o canto da floresta que ecoa além da imensidão, levando ao conhecimento de todos a vivência, o costume, a tradição de um povo que outrora estava silenciado. Esse cantar revela o poder da fala mansa do caboclo que se agiganta pra entoar bem alto seu verdadeiro amor pela Amazônia, no dinamismo dos bois Caprichoso e Garantido.

A sinfonia cabocla serve como trilha sonora para o Festival Folclórico de Parintins. Essa simples cantiga ganha vida no bumbódromo³, através da qual o boi irá desenvolver plasticamente o seu enredo na arena. No Festival de Parintins, alguns destes ritmos são tão regionalizados que modificam seu andamento em determinados momentos, na apoteose do ritual e da lenda, respectivamente.

Vemos como os repertórios musicais referendam as coincidências dos modelos indígenas e africanos, sendo um dos elementos principais para sua afirmação e identificação. No caso do ritual, é inegável

³ O pesquisador nortista Paes Loureiro (1995, 358) define o bumbódromo como um teatro de arena, “um lugar pra ser visto”.

que um repertório cuja letra permite associações com palavras em português, nheengatu e tupi, estabeleça uma comunicação muito mais direta e fácil, inclusive entre o cenário e o interlocutor, tornando-se mais compreensível sua assimilação.

O mesmo acontece com as toadas de figura típica regional, cujas letras costumam trazer o regionalismo à flor da pele e retratam acontecimentos relacionados a vida rural ou ribeirinha da Amazônia, entre outras coisas. Essa manifestação cultural tem como base o sotaque caboclo e ameríndio que é bastante presente nos versos das toadas de boi-bumbá de Parintins, uma das vertentes do bumba-meu-boi do Maranhão.

O canto da mata traz na sua gênese as quadras simples criadas por pescadores, vaqueiros, seringueiros, farinheiros, leiteiros, agueiros, seringueiros, lamparineiros, mateiros, erveiros, carvoeiros e agricultores. Pessoas simples da comunidade, que no final do século XIX, cantavam seu cotidiano usando o dialeto caboclo.

O poeta Thiago de Mello (1984, p. 66) já dizia que “o amazonense tem o ritmo de sua alma na batida do tambor. A batida é a marca do nosso andamento musical, cheio de ressonâncias mágicas da floresta, da força ancestral indígena”. É nesse compasso que a

poesia da toada flui para dentro e para fora de si mesmo, uma espécie de banzeiro, suavizando a beleza natural da Amazônia com a determinação de sua gente, que encontra na ousadia do folclore a busca do equilíbrio.

Nos dias de hoje as toadas dos bumbás “se constituem em canção popular, reunindo no texto informações pertinentes ao espetáculo, e recebendo a enunciação melódica do intérprete, no sentido de dar conta da estrutura dos versos” (BRAGA, 2002, p. 443). Essa raiz, que retira seu maior nutriente no regionalismo, despeja sua seiva elaborada que alimenta a imaginação do arquiteto para a confecção de fantasias e alegorias que irão hipnotizar os olhos dos espectadores, bem como para a preparação cênica: são compostas na sua maioria por poetas locais.

Na ótica cabocla, a Amazônia é o cenário perfeito que desperta paixões na poesia da toada. A presença marcante da figura do índio se faz presente também na letra da música. O banzeiro determina a melodia do nortista que traz o ritmo cadenciado de sua alma na batida dos tambores nativos. A batida, dois por dois da batucada ou marujada, é a marca registrada desse tipo de andamento musical. A toada dispersa um reverberar vasto de emoções que

proporcionam um doce arrepio na alma, junta essa combinação de ressonâncias mágicas da floresta com a força ancestral indígena, formando uma grande pororoca que apaixona ao primeiro olhar os moradores e visitantes.

Dessa forma, “vai começar a grande festa”, todos os preparativos estão prontos, a alegria corre solta no ar, a ansiedade dá lugar para calma, os nativos ostentam suas cores prediletas (vermelho ou azul), nas vestimentas, nas casas, nos muros, nas calçadas. Ao se aproximar o folguedo, as ruas ficam muito mais movimentadas, e artesãos com vendedores disputam espaços nas principais praças da cidade. O movimento de pedestres e carros sai do centro e chega aos bairros elegantes da ilha.

O feitiço da toada que envolve a sensualidade do povo parintinense pode ser verificado na seguinte passagem:

Há uma sensualidade latente em Parintins. Parece brotar do calor do sol, do clima úmido e vaporoso ou talvez da proximidade do mar de água doce e cálida que cerca a Ilha. Os parintinenses são morenos, sérios, calados, tímidos, mas sempre bem-humorados. Ombros largos, tórax arredondado, mãos calosas, ásperas. Emanam uma beleza rústica. São simpáticos e acolhedores. As mulheres explodem em belos olhos amendoados, de um preto profundo, pensativo. Jeitinho de índias, cabelos muito lisos, excessivamente pretos, brilhantes, refletindo o sol que banha a Ilha

durante todo o ano. (...) São discretas, mas deixam escapar pelo rabo do olho um traço de deliciosa malícia. São caboclinhas morenas, corpos bonitos, coxas roliças, seios fartos, rijos, plenos de vigor e alegria. A sensualidade ressuma em toda a Parintins, que alguém um dia chamou de Ilha da Paixão. Será por que? (CUNHA, 1998, p. 28).

Paulo José Cunha, em sua obra “*Vermelho: um pessoal garantido*”, de 1998, relata a peculiaridade encantadora dos parintinenses, a qual não diferente da visão dos primeiros colonizadores, que também explicitaram principalmente o lado erótico da indígena, fato espetacularizado no festival folclórico dos dias atuais.

É bom que se diga que, com a chegada da apresentação, as bandeiras enfeitam as ruas e as toadas dos bois ressoam demarcando cada milímetro de espaço. Os ilhéus adornam-se de brinco de penas, cocares de pena e sementes, braceletes e tururí (camisas) das agremiações. Os visitantes circulam aleatoriamente nos triciclos que são caracterizados para esse evento, o trânsito fica bem tumultuado, as praças são verdadeiros palcos de toadeiros e na orla da cidade os barcos dão um toque a mais no clima de festa.

Nesse período, que antecede ao festival, é como se Parintins despertasse de um sono profundo ao som do tambor ou

embarcasse no transe do devaneio. E é assim que assistimos o início dos ensaios dos bois Caprichoso e Garantido: uma intensificação do movimento na cidade, que se agiganta com a aproximação do espetáculo, conforme o compasso dos tambores. Os ensaios de boi, além de aproximar amigos, surgem como oportunidade de aprendizagem de coreografias e músicas, aprimoramento de dramatizações, contexto para o aperfeiçoamento do conjunto que será executado na arena do Bumbódromo nas três noites de disputas, no último final de semana de junho.

As toadas viram motivo de comentários nas rodas de conversas. As rádios locais as executam diariamente, os torcedores rivais ostentam seus bois. Dessa forma, a expectativa aumenta e tudo na cidade gira em torno do festival.

O poeta Tonzinho Saunier (apud CUNHA, 1998, p. 178) diz que “o boi é uma festa do povo para o povo”, festa popular, que tem como marca maior a democracia, que é exercida desde a escolha singular das cores azul ou vermelho, nos cortejos de rua e ainda na escolha popular das “toadas hinos de cada boi”, que independentemente do ano de criação se renovam todos os anos na voz dos brincantes apaixonados.

A toada de Parintins se configura como elo de intervenção e democratização popular, ultrapassando o valor meramente estético, para exercer a função de elemento constitutivo em todas as instâncias do boi-bumbá e ainda se configurando como verdadeiro termômetro da aceitação popular, no festival folclórico. Além disso, ela tem funções de ordenação bastante claras, sendo também um dos elementos através dos quais as identidades dos torcedores se expressam.

Quanto aos percussionistas, os ensaios da marujada de guerra do Caprichoso e da batucada do Garantido ocorrem em Parintins e Manaus. Esses brincantes ensaiam intensamente, pois as toadas trazem cada uma sua particularidade, nos seus toques, no seu andamento, atraindo gente para assistir e aprender a cantar. Nos currais, existem também as trocas de informações dos brincantes e artistas do galpão, haja vista que o boi bumbá é como se fosse um mosaico unido e revelado na arena. Tudo que é apresentado no festival é único, pois o boi não tem como ensaiar a sincronia do brincante com a alegoria.

O ensaio dos bois é sinônimo de oportunidade dos parintinenses se encontrarem, pois a cidade é carente de espaço cultural. Portanto, os currais servem de ponto de encontro, constituindo assim

novas redes de relações sociais ou reafirmando as antigas. Nos currais, o público fica mais próximo dos artistas que irão dar vida e interpretar esse movimento.

Ainda nos ensaios são criadas as coreografias para cada uma das 20 toadas do CD, umas valorizam mais as expressões do corpo, outras coreografias são fiéis a letra da toada, mas ambas são direcionadas pela poesia expressada em seu conteúdo. Essas coreografias apresentadas nos currais não têm significados no bumbódromo, pois em cada parte da apresentação os passos vão sendo alternados. Na arquibancada do bumbódromo, braços e adereços de mão fazem a dança durante a apresentação de cada agremiação.

Os percussionistas (batucada e marujada), ao lado da banda oficial, são os primeiros a iniciarem os ensaios e os últimos a saírem do curral. As toadas dos bois são compostas em sua grande maioria em Parintins ou por parintinenses que residem em outras cidades. Os arranjos e toques são concebidos na produção dos demos (demonstrativo fabricado pelos próprios compositores) antes da gravação do CD e DVD oficial. Enfim, a toada ressoa a magia que encanta com toque de criatividade, demarcando o território da Mundurucânia e rompendo a fronteira da Ilha Tupinambarana.

A festa do boi bumbá e o processo criativo da toada

Existem duas formas para se elaborar a poesia da toada: inspiração e pesquisa. A inspiração muito utilizada pelos primeiros versadores repentistas que herdaram do nordeste esse dom; a segunda, hoje predominante, tem o mesmo propósito, ou seja, fazer o povo dançar, refletir e amar ainda mais sua identidade.

O método de criação das toadas varia de compositor para compositor. Para muitos poetas, a toada é um dom divino, é algo mágico que flui no imaginário, de forma aleatória, inspirado pela paisagem encantadora amazônica. Surge num mergulho profundo das emoções, no banzeiro sentimental incontido que se manifesta de forma sutil, sem explicação. Simplesmente acontece.

Para outros compositores, a criação das poesias de boi consiste, num primeiro momento, em saber qual é o tema a ser abordado, seja ele tema central do bumbá ou tema do personagem para quem a toada será destinada. Algumas obras são feitas sob encomendas, em especial as de tema, figura típica regional, tribal, lendas e rituais, pois necessitam de uma maior profundidade na sua fundamentação de pesquisa. Com essas

informações, os compositores trabalham em busca de articular o conteúdo descrito.

Outra forma de criar do compositor, no primeiro momento, tem inspiração de um tema ou de uma imagem a qual desperta sua imaginação. Com o tema delimitado, o próximo passo é correr atrás das informações para dar suporte à temática. Com essas informações, abre-se o leque da imaginação novamente para estimular a sensibilidade. Assim, a toada traduz o discurso fulminante da alma.

O poder da criação vai além das cores, sem perder a essência amazônica. A temática amazônica está sempre presente no tema que norteia todas as toadas no CD e a apresentação dos bois na arena: são escolhidas pelo Conselho de Arte (Caprichoso) e Comissão de Arte (Garantido). Existem ocasiões em que as próprias toadas induzem ao tema. Essas comissões são formadas em sua maioria por artistas e diretores das agremiações. São elas que determinam a formatação com base em pesquisas históricas e antropológicas.

Nessas comissões existem soldados, artistas de ponta, torcedores, itens do boi, desenhista e coreógrafos. Nos últimos anos a presença de poetas e músicos é vedada. O tema elaborado sob a forma de roteiro deve assumir uma sequência narrativa lógica que

fundamente e interligue as três noites, onde cada noite abordará um subtema, possibilitando a compreensão da trama tanto pelos jurados quanto pelo público expectador.

A industrialização do Festival trouxe em seu bojo a desvalorização do processo criativo da toada. Notou-se a manipulação de informações, que podem privilegiar alguns grupos de compositores, que de posse de dados exclusivos criam toadas encomendadas. Como resultados deste fenômeno, podemos observar o número restrito ou quase inexistente de compositores novos, frente ao número excessivo de obras em um mesmo CD de um ou outro compositor. Ou ainda, a súbita inspiração para toadas-temas de alguns compositores nos últimos anos.

Este processo tendencioso de escolha das toadas torna a competição por muitas vezes desleal, fato que limita o processo criativo. Dependendo do perfil do compositor, o tema imposto pode aprisionar ou libertar a imaginação. O poeta deixa de ser criador e passa a exercer o papel de executor. A arte entra num processo de regressão e desvalorização. Com o tema escolhido, as toadas entram num processo de desgaste com sucesso imediatista: o simples

passa a ser simplório e a música torna-se descartável para os próximos festivais.

Todavia, os bois se apropriam na arena de toadas antológicas em detrimento das toadas eleitas, fato bastante contraditório, pois os mesmos que escolhem as toadas renegam suas ideias. Com isso, privam os compositores de renome nos bois, fato este que levou muitos compositores tradicionais a abandonarem a competição de escolha das toadas.

A musicalidade e a poesia cabocla vem se configurando nestes moldes modernos, movidos pelo neoliberalismo mercadológico, que constrói toadas com características musicais semelhantes a *jingles*, limitados a refrões calorosos e de fácil memorização, com letras sem conteúdo e versos sem inspiração poética e tampouco pesquisa, mas entoadas por um ritmo frenético que a torna cada vez mais algo distante do tradicional.

O compositor de toadas, um caboclo da margem que tece sonhos

O caboclo é fruto da miscigenação entre brancos e índios, recebendo influência negra quando imigrantes nordestinos disseminaram no norte do país folguedos do bumba-meu-boi. Em solo amazônico, foi fomentado e hibridizado aos elementos

regionais, sendo rebatizado, tornando-se o boi-bumbá de Parintins e traduzindo as manifestações de seu cotidiano, seus medos, sonhos, devaneios, desventuras, mistérios, alegrias, paixões, anseios, esperanças, fé, devoção e ilusões sem perder o romantismo do imaginário.

No ano de 2007, aconteceu o 1º Festival de Toada de Parintins, como mecanismo de valorização da toada e a motivação para novos compositores e cantores. Este festival se tornou tradicional na cidade, fazendo parte do calendário anual de eventos e sendo realizado como celebração da cultura local e comemoração de aniversário local, que acontece no dia 15 de outubro.

O compositor pode participar com no máximo três toadas e concorrer em três categorias: Caprichoso, Garantido e Tema livre. O Festival de Toada é uma espécie de vitrine para os compositores que aproveitam o evento para expor sua criatividade (muitas vezes ofuscada pelos bois), tanto na parte harmônica como na parte estética dos figurinos.

A poesia ganha destaque, pois o conteúdo da letra conta ponto e nesse festival tudo é permitido, mas não destoando da exigência do ritmo de toada e sugerindo tendências para o Festival Folclórico, como

por exemplo mulheres cantando toada como voz principal, como foi o caso da toada miscigenação, campeã do festival e tema do boi Garantido 2011.

Por ano, são inscritas cerca de 200 toadas em cada agremiação. As toadas descartadas por Caprichoso e Garantido tendem a ser cantadas em outros festivais, como no Festival das Tribos em Juruti/PA, onde existe disputa entre o lado Munduruku, com as cores amarelo e vermelho, e a tribo Muirapinima, com as cores vermelho e azul. Outras toadas são incorporadas nos CDs de Brilhante, Corre-Campo e Malhadinho, sendo executadas no festival da capital.

Também aquelas que não vingam em Parintins são direcionadas ao município de Nova Olinda do Norte/AM para serem gravadas nos CDs dos bois Corre-Campo e Diamante; outras ainda seguem o braço do Ramos, que banha a cidade de Barreirinha/AM, para balançar os bois Touro Negro e Touro Branco; as demais renascem em Boa Vista do Ramos, embalam o festival do Mocambo, nos bois Espalha Emoção e Malhadinho, festejam nos bois Cacau e Tira-Prosa, em Maracanã, interior de Terra Santa/PA, batucam em Fonte Boa, no Alto Rio Negro, no boi Tira-Prosa, invadem Guajará-Mirim, Rondônia, nos bois Flor do Campo e Malhadinho e ressoam nos bumbás

em São Caetano do Sul, no Rio Grande do Sul.

Ainda em Parintins, outras fazem a festa dos adolescentes, nos bois-mirins Tupi, Minerinho e Estrelinha e ainda no Festival de Boi Miniatura, com o Mini-Garantido e Mini-Caprichoso, e também nos jardins e escolas onde existem bois. E assim o banzeiro da toada vai encantando todas as idades. Em Manaus, a toada é utilizada no aniversário da cidade com o evento “Boi Manaus” no mês de outubro, uma espécie de carnaval fora de época, e no período do Carnaval, em todo país, a toada se manifesta transmutada em “Carnaboi”, também na capital.

Através da toada é que o artista plástico cria a alegoria e produz a fantasia do personagem; é a toada que determina o passo da dança, a pintura corporal de cada brincante; ela é o fio condutor do espetáculo; ela está no princípio, meio e fim da apresentação de cada bumbá. A toada tem a função da espinha dorsal do festival, ela alcança uma dimensão muito grande na mídia, que o próprio compositor não consegue imaginar.

Boa parte dos compositores também são músicos. Existem outros compositores que não são músicos e dedicam-se exclusivamente à pesquisa e elaboração das

letras. Até 2011, os compositores do Caprichoso receberam R\$ 3.000,00 por cada toada no CD, e são obrigados por regulamento do boi em abrir mão de seus direitos autorais por dois anos nos eventos promovidos pelo boi tanto em Manaus como em Parintins. Vale ressaltar, que a lei 9.610 que rege os direitos autorais vai de encontro com esse regulamento. Os compositores do Caprichoso voltam inúmeras vezes para refazer as toadas nos estúdios a pedido da diretoria.

No boi Garantido, os compositores recebem R\$ 2.000,00 e ganham por execução no Bumbódromo o direito de imagem da emissora transmissora do festival, que gira em torno de 10% do contrato da emissora, como rege a lei. O dinheiro é rateado pela quantidade de música executada na arena, de 24 a 30 toadas por noite.

Nos últimos anos esses pagamentos não estão sendo repassados e com isso os processos estão sendo acumulados no Fórum de Justiça local, haja vista que os bois trabalham com dinheiro público, fenômeno este que vem delineando uma mancha na administração financeira das duas agremiações que tem como marca institucional organizações sem fins lucrativos.

Considerações finais

O benefício mais importante da paciência é o resultado da ação que envolve o processo criativo da toada de Parintins. A mente torna-se muito aguçada e chega ao estado de plenitude que se apropria da forma e do jeito (e trejeitos) de falar caboclo. A toada revela o linguajar “caboclígena” e é nessa corredeira do imaginário que a cultura local ganha vida e ultrapassa fronteiras. São os dialetos geográficos que complementam o ritmo da toada apropriando-se do dinamismo da linguagem para imprimir suas digitais verdes.

O poeta ribeirinho contempla as verdades que o cercam, com toda a carga da oralidade abstraída de seus ancestrais; sua poesia é despida de suas vaidades para celebrar a Amazônia na sua totalidade. Dessa forma, o mundo vai sendo invadido pelo grande banzeiro linguístico da toada.

Referências bibliográficas

- ASSAYAG, Simão. Caprichoso, O Boi de Parintins. Manaus, Editora Novo Tempo LTDA, 1997.
- BRAGA, Sergio Ivan Gil. Os Bois-bumbás de Parintins – Rio de Janeiro: FUNARTE/ Editora Universidade do Amazonas, 2002.
- CUNHA, Paulo Jose; VALENTIN, Andreas. Vermelho: Um pessoal garantido. Rio de Janeiro: Ponto de Vista, 1998.
- MONTEIRO, Mario Ypiranga. O pescador: histórias, instrumentos, técnica e folclore.

Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, EDUA, 2010.

NEGRI, Teodoro (s.d.). Augusto - Eremita na Selva Amazônica. São Paulo, Editora: Mundo e Missão.

VALENTIN, Andreas. Contrários - A celebração da rivalidade dos Bois-Bumbás de Parintins. Manaus: Editora Valer, 2005.